

**BEATRICE, UM ARQUÉTIPO JUNGUIANO:
O PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO EM *DEMIAN*, DE HERMANN HESSE**

**BEATRICE, A JUNGIAN ARCHETYPE: THE PROCESS OF INDIVIDUATION IN
HERMANN HESSE'S *DEMIAN***

Pedro Theobald¹
Guilherme Scherer Mallmann²

Resumo: O presente artigo tem como objetivo identificar o processo de individuação de Emil Sinclair, o protagonista em *Demian*, de Hermann Hesse. Uma vez que esse processo é um conceito da psicologia analítica de Carl Gustav Jung, nos detemos primeiramente em esclarecer conceitos dessa corrente teórica. Posteriormente, analisamos a evolução gradativa do protagonista até o encontro entre ele e a personagem Beatrice. A partir disso, estudamos as possibilidades dessa personagem ser a personificação do arquétipo anima e de como ela pode representar o aspecto feminino do protagonista.

Palavras-chave: Processo de Individuação. Anima. Arquétipo. Literatura. Hermann Hesse

Abstract: This paper aims at identifying the process of individuation of Emil Sinclair, the protagonist of *Demian*, by Hermann Hesse. Since this process is a concept of Carl Gustav Jung's analytical psychology, we first focus on clarifying some concepts of this theoretical thought. Later on, we analyze the gradual evolution of Emil until the meeting between him and the character Beatrice. Further, we study the possibilities of this last character being the archetype of anima and how it can represent the feminine aspect of the protagonist.

Keywords: Process of Individuation. Anima. Archetype. Literature. Hermann Hesse

¹ Pedro Theobald é docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) na área de Teoria da Literatura e editor da revista *Letrônica*. É professor de Língua e Literatura Alemã. E-mail: perth@pucrs.br. ORCID: 0000-0002-6920-2669.

² Guilherme Scherer Mallmann é graduado em Letras Português pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e graduando em Música na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: guilherme.mallmann@acad.pucrs.br. ORCID: 0000-0003-3114-013X.

Sempre é bom termos consciência de que dentro de nós há alguém que tudo sabe (Hermann Hesse).

1. Introdução

São de amplo conhecimento as relações da obra ficcional de Hermann Hesse com a obra teórica de Carl Gustav Jung. Em *Demian*, percebemos tal relação a partir da temática dos opostos. Já nas primeiras páginas do romance, o narrador e protagonista Emil Sinclair relembra as próprias percepções acerca da realidade. Para ele, o ambiente familiar, onde se evidenciavam o afeto e a devoção, se caracterizava por ser um “mundo claro”; o exterior, agressivo e atraente, um “mundo escuro”. A partir de seu contato com Demian, um colega que suscitava sua curiosidade, Emil aprofunda seus questionamentos a respeito da ambivalência da realidade. Mais adiante, a temática se intensifica com o aparecimento da personagem Beatrice, que desempenha papel fundamental no presente artigo. É o encontro com ela que, em um lento processo de individuação, soluciona a questão dos opostos para o protagonista.

O artigo tem como base os conceitos da psicologia analítica, fundada no início do século XX por Carl Gustav Jung. No começo de sua carreira, Jung foi amigo e discípulo de Freud, cujos métodos de análise tiveram grande importância para que ele, mais tarde, desenvolvesse os seus próprios. Uma vez que o artigo terá como referência unicamente a psicologia analítica, não vemos necessidade de expor o processo histórico conceitual que levou Jung às suas conclusões. No entanto, para que se entendam as análises aqui propostas, é imprescindível esclarecer os principais conceitos junguianos. *Anima, self* e processo de individuação, entre outros, são conceitos que propiciam a compreensão da personagem Beatrice, através dos princípios da psicologia analítica. Compreender a personagem segundo as intenções aqui propostas é, essencialmente, perceber a personificação da parte feminina da psique do protagonista Emil Sinclair, bem como o seu processo de individuação.

2. Conceitos da psicologia analítica

A psicologia analítica tem como fundamento o estudo estrutural do inconsciente. Entretanto, suas principais contribuições só foram possíveis a partir das reformulações junguianas acerca da estrutura mental. Tais reformulações vieram a sugerir um novo entendimento sobre o que vem a ser o Eu (ego). Antes de Jung, o Eu consistia na parcela consciente da psique, cujos aspectos seriam definidos mediante a personalidade construída sob a égide da vida empírica. Após reformulações, a psicologia analítica constatou que o Eu é parcela de um todo psíquico abrangente, cujos limites e influências não dependem somente da vida empírica.

Em *Aion: estudos sobre o simbolismo do si-mesmo*, Jung define o que vêm a ser os aspectos conscientes e inconscientes da mente. Na diferenciação, temos os chamados *limites do sujeito*, ou seja, até onde alcançam os esforços do indivíduo para que ele possa definir a si mesmo.

Teoricamente, é impossível dizer até onde vão os limites do campo da consciência. Porque este pode estender-se de modo indeterminado. Empiricamente, porém, ele alcança sempre o seu limite, todas as vezes que toca o âmbito do *desconhecido*. Este desconhecido é constituído por tudo quanto ignoramos, por tudo aquilo que não possui qualquer relação com o eu enquanto centro da consciência. O desconhecido se divide em dois grupos: o concernente aos fatos exteriores que podemos atingir por meio dos sentidos, e o que concerne ao mundo interior que pode ser objeto de nossa experiência imediata. O primeiro grupo representa o desconhecido do mundo ambiente, e o segundo, o desconhecido do mundo interior. Chamamos de *inconsciente* a este último grupo. (JUNG, 1988. p.1. §2).

O inconsciente, desse modo, é uma parcela da estrutura mental, em que os mecanismos não se revelam por meios inteligíveis, mas ainda assim constituem afirmativamente o todo psíquico, desempenhando funções específicas para a formação de cada ser. Jung compreende que o Eu, além de suas bases conscientes e racionalmente concebidas pelo indivíduo, tem também sua estrutura apoiada nos mecanismos inconscientes. Os limites do sujeito, portanto, estariam condicionados ao material consciente, uma vez que é até aí que ele alcança a inteligibilidade sobre si mesmo. Por isso, segundo Jung, a compreensão da personalidade global é impossível, uma vez que estamos restritos aos conteúdos conscientes, sem possibilidade de análise completa das forças desconhecidas do inconsciente.

Apesar de desconhecermos os limites de suas bases, o Eu nunca é mais ou menos amplo do que a consciência como tal. Como fator consciente, o eu pode ser descrito pelo menos do ponto de vista teórico. Mas isso nada mais nos proporcionaria do que uma imagem da *personalidade consciente*, à qual faltariam todos os traços que o sujeito desconhece ou de que não tem consciência. (JUNG, 1988, p.3. § 7).

Assim, surge o principal conceito junguiano, o si-mesmo (self), o centro da mente.

O *self* é o centro da psique, o espaço onde as experiências do indivíduo estão armazenadas, *ainda que algumas não venham à luz da consciência*. Por isso, Jung afirma que o Eu está assentado em aspectos inconscientes, uma vez que as influências desconhecidas da personalidade consciente são mensagens diretas das profundezas da mente, o si-mesmo, o verdadeiro núcleo do ser.

Por ser o núcleo da psique, o self é inconsciente. Sua composição compreende o *inconsciente pessoal* e o *inconsciente coletivo*. Essa distinção feita por C.G. Jung surge para diferenciar a origem dos diversos materiais psíquicos.

O inconsciente pessoal consiste das experiências individuais, aspectos da vida diária que influenciam o funcionamento da psique de cada pessoa. Tais aspectos deslocam-se para o campo do inconsciente pessoal devido a incompatibilidades com os conteúdos pessoais já estabelecidos no campo consciente. O inconsciente coletivo, por outro lado, consiste de aspectos psicológicos assim chamados inerentes, por constituírem a estrutura psíquica do ser humano desde seu nascimento; eles são desenvolvidos na estrutura psíquica universal como representantes da natureza *impessoal* comum a todos os indivíduos. Essa natureza manifesta-se através de imagens mentais oriundas das tendências mitológicas do inconsciente. São os **arquétipos**.

A natureza impessoal manifestada no inconsciente coletivo é a herança psíquica ancestral. Suas características constituem a estrutura mental como organismo imaterial; sua existência independe do inconsciente pessoal. Por isso, pode-se afirmar que os arquétipos são conteúdos mentais universais, presentes na base psicológica de todo e qualquer sujeito.

Devido ao frequente uso popular, o termo arquétipo tornou-se mal compreendido, distante da proposta conceitual junguiana. Ao que se percebe, popularmente, tem-se entendido os arquétipos como estereótipos, em que características individuais devem ser encaixadas. No entanto, os arquétipos são “os traços funcionais do inconsciente coletivo” (MEDNICOFF,

2008, p.62). Ou seja, os arquétipos revelam-se como um padrão de funcionamento mental, que sugere mecanismos comuns a todas as estruturas psíquicas.

Uma vez que os arquétipos não são conteúdos racionalmente concebidos pelo eu consciente, suas manifestações ocorrem frequentemente através de sonhos e imagens mentais de perfil mitológico, cuja percepção é uma investida rumo ao núcleo do ser, o self. Termos como *sombra*, *persona*, *animus* e *anima* são os exemplos mais conhecidos dos arquétipos junguianos. Para elucidar, pode-se dizer que a *sombra* é parte constituinte do inconsciente de qualquer indivíduo. No entanto, sua especificidade dependerá da individualidade de cada sujeito. Por outro lado, seu funcionamento envolve padrões comuns a todos. Deter-nos-emos especialmente nos conceitos *anima*, *sombra* e *persona*.

Reconhecer os arquétipos faz parte do ***processo de individuação***.

O self, muitas vezes, é representado como um arquétipo, uma imagem primordial, cujo significado representa a totalidade da mente. Jung, em diversos momentos, referiu-se ao self através de uma analogia com a mandala. As mandalas, por sua estrutura, sugerem uma imersão gradual em um núcleo. Comparado com a mente, o núcleo seria o si-mesmo (JUNG, 2000, p. 353, § 634).

O processo de individuação constitui a imersão no centro dessa mandala. A mente como tal é resultado de experiências além das possibilidades conscientes habituais. A individuação, segundo C.G Jung, é uma brecha eficaz rumo ao verdadeiro ser. Antes do ser, estamos condicionados aos estímulos frequentes das tendências sociais, e nossa *persona*, a máscara que usamos como expressão da personalidade, geralmente está mais afetada por essas influências externas do que pelas internas. Para Jung, tal condição é um caminho alienado, pois exclui a verdade íntima dos seres e desqualifica a pluralidade inerente ao mundo.

Há uma destinação, uma possível meta além das fases de que tratamos na primeira parte deste livro: é o caminho da individuação. Individuação significa tornar-se um ser único, na medida em que por individualidade entenderemos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando que *nos tornamos o nosso próprio si-mesmo*. Podemos, pois, traduzir “individuação” como “tornar-se si mesmo” (*Verselbstung*) ou o “realizar-se do si mesmo” (*Selbstverwirklichung*). (JUNG, 1978, p.49, § 266).

O processo de individuação constitui-se também no aprendizado do movimento das energias psíquicas. A energia mental não some nem desaparece, mas é redirecionada, ou seja:

a mesma energia terá um equivalente em outro ponto em dado momento. Dessa forma, deverá existir uma tendência reguladora a fim de que a energia psíquica não adquira perfil unilateral. Surge daí o princípio da *entropia*. C.G. Jung assume que a entropia completa é impossível, visto que a psique está em movimento e sua realização total significaria o fim do dinamismo energético da mente, pois a própria busca pelo equilíbrio é a fonte da vida psíquica e, sem ela, as energias se estagnariam. No entanto, ele coloca este princípio como parte estruturante e necessária do funcionamento mental.

A *enantiodromia* constitui um conceito complementar, pois sugere que a busca pelo equilíbrio se estrutura no refúgio no lado oposto. Quando a energia psíquica adquire uma tendência unilateral, as possibilidades de a busca pelo equilíbrio se dar no ponto inverso são maiores. Por exemplo: o homem extremamente racional encarna, em essência, o arquétipo masculino; ao observar os aspectos mais artísticos e intuitivos, que compõem o arquétipo feminino de sua personalidade, ele costuma retomar o equilíbrio mental; assim se manifesta o princípio da enantiodromia, que consiste num processo *inconsciente*. No entanto, ao refugiar-se em um ponto oposto, o indivíduo não está a desvendar novidades sobre si, mas retomando aspectos estruturantes de seu complexo mental.

3. O processo de individuação de Emil Sinclair

Entendemos que o processo de individuação do protagonista se inicia no reconhecimento dos opostos, na característica ambivalente da realidade. Essa representação dos opostos ocorre, primeiramente, a partir da percepção dicotômica do protagonista em relação ao mundo. É o reconhecimento desses pares *de opostos* que permite a imersão de Emil na profundidade ambivalente da mente, de modo que é assim que seu processo de individuação se inicia.

No entanto, uma vez que o processo de individuação significa a redescoberta da parte esquecida da mente, deve-se reconhecer em primeiro lugar a parte consciente, sobretudo a persona, a máscara com a qual o indivíduo se manifesta no mundo, para que depois, mediante a desconstrução dessa máscara, o caminho rumo ao inconsciente esteja livre (JUNG, 1978, p. 32, § 245).

Quando identificada a persona, percebemos seu caráter transitório. Desse reconhecimento, o indivíduo é conduzido a espaços mais profundos de si mesmo.

Com a dissolução da persona desencadeia-se a fantasia espontânea, a qual, aparentemente, não é mais do que a atividade específica coletiva. Tal atividade traz à tona conteúdos cuja existência era antes totalmente ignorada. Na medida em que aumenta a influência do inconsciente coletivo, a consciência perde seu poder de liderança. Imperceptivelmente, vai sendo dirigida, enquanto o processo inconsciente e impessoal toma o controle. Assim, pois, sem que se perceba, a personalidade consciente, como se fosse uma peça entre outras num tabuleiro de xadrez, é movida por um jogador invisível. É este quem decide o jogo do destino e não a consciência e suas intenções. (JUNG, 1978, p. 35, § 251).

Desse modo, classificamos a evolução da vida infantil até a juventude de Emil Sinclair como o espaço de reconhecimento da persona, das características individuais que se manifestam socialmente, e que, ao serem reconhecidas, direcionam o indivíduo rumo à individuação. Contudo, esse reconhecimento da persona, em *Demian*, é a consequência do *reconhecimento dos opostos*, já que, ao reconhecer os arquétipos ambivalentes da realidade, Sinclair passa a perceber essa mesma oposição em si.

Demian é narrado por um Emil Sinclair adulto. Por isso, as experiências da infância não se destinam a ornamentar reminiscências; nelas, percebemos o objetivo de evidenciar que, desde os tempos de criança, Sinclair cultivou uma inquietação. Ela se manifesta na já mencionada percepção das dicotomias do mundo, de seus pares de opostos, como um prenúncio às reflexões sobre suas tendências individuais. Entretanto, tais reflexões não representam a sensação de uma criança em fase de amadurecimento. Ao contrário, transmitidas com senso crítico, elas evidenciam as dúvidas que brotaram em Emil.

Tudo começa quando Sinclair compara o seu mundo familiar e a vida suburbana que o rodeava. O lar era um “mundo claro”, luminoso, onde reinavam a bem-aventurança, o aconchego e a segurança. O outro era o “mundo escuro”, de diferente odor, pelo qual se ouviam “rumores de escândalo” e onde havia “uma onda multiforme de coisas monstruosas, intrigantes, terríveis e enigmáticas, coisas como o matadouro e a prisão, homens embriagados e mulheres escandalosas, vacas que pariam e cavalos estropiados; histórias de roubos, assassinatos e suicídios” (HESSE, 2017, p.14). Essas reflexões acerca da realidade são uma consequência inerente ao processo de reconhecimento da persona do personagem, pois a

reflexão do protagonista ainda criança sobre seu mundo, na verdade, revela-se como uma percepção de si mesmo.

O outro mundo começava – curioso – em meio à nossa casa [...]. O mais singular era como os universos se confinavam, como estavam próximos um do outro. [...] Eu pertencia, de imediato, ao mundo luminoso e reto, era o filho de meus pais; mas para onde quer que eu dirigisse a vista e os ouvidos, ia dar sempre com o outro mundo, e, portanto, nele também vivia. (HESSE, 2017, p.14-15).

Mais relevante ainda que a distinção entre as realidades “claras” e “escuras” são as afirmações de Sinclair que comprovam sua tendência e eventual preferência pelo perfil do mundo proibido, incompatível com o polido ambiente paternal. Nisso reside uma das provas iniciais de que o *leitmotiv* deste romance é a individuação, pois essas primeiras discussões proporcionam ao narrador-personagem a oportunidade de desconstruir sua própria imagem (persona), tendendo a revelar para si mesmo, de acordo com o desenvolvimento da narrativa, sua verdadeira natureza.

Chegou a haver temporadas inteiras em que eu preferia viver naquele mundo proibido, e o retorno à claridade – ainda que necessário e conveniente, chegava a ser para mim quase um retorno a algo menos belo, mais vazio e aborrecido. [...] Havia histórias assim, de filhos transviados, que eu lia com verdadeira paixão. Ali estava implícito que o retorno ao lar paterno e ao bem redimia tudo e era grandioso [...]; não obstante, atraía-me muito mais a parte da história que se desenrolava entre os maus e os perdidos, e, se fosse possível, ter-me-ia confessado que às vezes era de fato lamentável que o filho pródigo se arrependesse e voltasse para casa. [...] Minhas irmãs pertenciam igualmente ao mundo luminoso. [...] Tinham seus pequenos defeitos, suas manhas; mas a meu ver, não era nada muito profundo, como era em mim, cuja proximidade com o mal era opressiva e angustiada, por me considerar muito mais próximo do mundo obscuro. (HESSE, 2017, p.15-16).

A concretização desse processo ocorre a partir do encontro com Franz Kromer. Este encontro é marcado por uma mentira. A fim de impor sua personalidade, Emil Sinclair, num passeio atípico com meninos arruaceiros, cujo líder era Franz Kromer, inventa uma história sobre si, afirmando que havia roubado maçãs de um pomar. Por irônica coincidência, maçãs realmente haviam sido roubadas e Franz Kromer decide assediar o inocente Emil, com ameaças de entregá-lo aos pais, à polícia e ao dono do pomar, que havia prometido recompensas a quem

pegasse o ladrão. A partir de então, Sinclair é tomado pelo medo e pela culpa, pois se vê obrigado a surrupiar bens paternos a fim de satisfazer as chantagens de Kromer. Ao mesmo tempo, o jovem Emil via necessidade de manter cnicamente o papel de filho do mundo “claro”, que havia sido rompido no momento em que decidira mentir.

Tudo aquilo deixara de pertencer-me, fazia parte do claro mundo familiar e eu havia naufragado de maneira culpável nas águas do mundo sombrio. Acorrentado a pecaminosas aventuras, ameaçava-me o inimigo e os riscos me aguardavam, a vergonha e o terror. [...] Todas aquelas coisas me eram caras, mais gratas, mais preciosas do que nunca, [...] mas eram apenas símbolos de severa censura. Tudo aquilo deixara de ser meu. (HESSE, 2017, p.24).

Este episódio consolida o processo de reconhecimento da persona de Emil Sinclair. A partir da culpa, Sinclair reconhece sua condição de menino do mundo claro; mais do que isso, adentra o manancial de infinitas possibilidades que sua natureza individual permite. Uma delas é a tendência ao mundo escuro, que antes era entendida como algo pecaminoso e a ser evitado.

De acordo com C.G. Jung, a persona é uma forma de “autoeducação”. Em nome de uma imagem, o indivíduo se sacrifica e se submete a imposições que moldam seu perfil, a fim de assentar-se no papel social ideal. Em razão disso, grande parte do material inerente a cada individualidade é esquecida no espaço inconsciente como uma possibilidade longínqua, mas que, ainda assim, mostra-se atuante no complexo mental. No caso de Emil, podemos supor que sua tendência ao mundo “escuro” havia sido sacrificada em busca da aceitação familiar, mas que ainda assim manifestava-se como material psíquico atuante através de suas inquietações.

Uma vez que a individuação é o caminho para a restauração de toda característica essencialmente natural a cada ser, reconhecer a máscara do teatro é fundamental. Ao revelar-se falsa, ela se enfraquece, emergindo, assim, energias psíquicas antes reprimidas. Emil, ao reconhecer a ambivalência do mundo, passou a reconhecer em si o “mundo escuro” à medida que se culpava pela mentira, ao passo que os conteúdos esquecidos desse mundo escuro começaram a brotar em si de forma mais consciente. No entanto, fazem parte desse processo conflitos internos que desestabilizam a ordem interior do aspirante à individuação, mas que, ao final, o conduzem a realidades mais autênticas e sinceras de si mesmo. Portanto, segundo C.G. Jung, o desequilíbrio inicial instaurado no processo de reconhecimento da persona é saudável quando bem direcionado, pois ocorre como um estágio de purificação, em que o ser se encontra

num vácuo, instável, sem saber como se definir para estar no mundo, para que depois ele se renove e flua de acordo com seu próprio movimento (JUNG, 1978, p. 36-37, § 252-253).

Assim como C.G. Jung afirma que o reconhecimento da persona insinua um conflito, o conflito de Emil Sinclair é instaurado a partir da sensação de desencontro entre aquilo que percebia de si como sendo pertencente ao mundo escuro e à autoidealização mediante a conduta esperada dos que vivem no mundo “claro”. Nisso reside a “desintegração da persona”, pois o protagonista dissecou seu próprio desejo de permanecer no ideal familiar e percebe, sob dolorosos questionamentos, brotar em si o indesejável. Se a constituição da persona significa um processo de “autoeducação”, então Emil ingressa no processo de autodesconstrução, seguido pelo estado de culpa que somente irá resolver-se no encontro com Beatrice, sua alma. Tal culpa é resultado do desejo de aceitação social, que neste caso é manifestado pelo desejo de aceitação familiar e pelo conflito com sua sombra.

Emil Sinclair toma consciência de sua sombra ao conhecer Max Demian. A sombra é um arquétipo do inconsciente coletivo que compreende o nosso íntimo mais obscuro, que desejamos negar. Ao reconhecê-la, tomamos consciência de nossos conflitos e defeitos, que antes eram o alvo de nossas críticas (MEDNICOFF, 2008, p. 73). Demian, um novo aluno da escola, cuja personalidade era assunto de toda a classe, sugere a Sinclair uma nova interpretação sobre Caim, o fratricida bíblico. Do ponto de vista religioso, Caim é sempre interpretado como culpado. Entretanto, para Demian, Caim é a representação da vontade, o possuidor do sinal da força vital que impulsiona a vida e que os fracos julgam como arrogância e agressividade.

No primeiro capítulo, há um prenúncio dessa vontade: Sinclair vê-se superior ao pai por perceber-se inclinado ao mundo escuro, o qual a figura paterna, por sua submissão a uma condição definida, não foi capaz de visitar.

Alegrou-me que meu pai me repreendesse por entrar em casa com os sapatos molhados. Essa minúcia distraía sua atenção, que não advertiu o pior. Suportei em silêncio suas palavras de censura sem poder apartar da mente o meu segredo. Mas, nesse átimo, surgiu em meu ânimo um novo e estranho sentimento: algo maligno e cortante. Sentia-me superior a ele! Por um momento, senti certo desprezo por sua ignorância. A reprimenda por causa de meus sapatos molhados me pareceu mesquinha. “Se soubesse de tudo!...”, pensei, e me senti como um homicida que fosse julgado pelo furto de um pão. Era um sentimento ignóbil, mas muito intenso, e me jungia à minha culpa e ao meu segredo mais fortemente do que tudo. “Enquanto

me tratam como a uma criança”, pensava, “Kromer vai denunciar-me à polícia e a tormenta se prepara para derramar-se sobre mim.” De todo esse episódio, ou melhor, da parte que venho relatando, aquele foi o momento principal e inesquecível. Foi a primeira falha que percebi na perfeição de meu pai, a primeira rachadura nos fundamentos sobre os quais descansara a minha infância e que o homem tem que destruir para poder chegar a si mesmo. (HESSE, 2017, p. 25-26).

Veja-se agora a importância desses fatos. Em primeiro lugar, Emil afirma ser esse evento o primeiro rompimento efetivo com a máscara idealizada, imposta pela situação familiar, com a qual se identificava até então. Além disso, essa vontade, que Demian exemplifica por meio de Caim, é a força motriz que impulsiona a primeira percepção assertiva de Sinclair daquilo que até então ele considerava infame e indesejável. Acima desses aspectos, sobrepõe-se a menção evidente à desconstrução da persona: “a primeira rachadura nos fundamentos sobre os quais descansara a minha infância e que o homem tem *que destruir para poder chegar a si mesmo.*” Nesse ponto, o protagonista revela sua intenção à individuação e reconhece o caminho irreversível pelo qual havia enveredado.

Embora estupefato pela análise de Demian antes nunca ouvida, o protagonista reconhece sua proximidade com este Caim valente, dotado da moral dos fortes. Naquela época, no episódio com seu pai, o jovem Emil não tinha plena consciência dos fatos, de modo que a sensação de superioridade brotou na criança com naturalidade inconsciente. Agora, entretanto, Sinclair passa a perceber conscientemente o mundo escuro em si. Nisso reside o reconhecimento da sombra. Até então, o jovem protagonista entendia-se como o menino do mundo claro, cujas percepções se desmantelavam pouco a pouco mediante a desconstrução de sua persona. Agora, os fatos se consolidam e conscientemente ele percebe emanar de sua mente as misteriosas forças do mundo escuro que, ao mesmo tempo em que são fonte de ímpeto e glória, destroem a idealização do homem do mundo claro que até então ele mantinha. Ou seja, seu lado escuro, sua sombra, envolve sua consciência de modo a revelar para ele mesmo o obscuro que nele existia. Assim, o jovem Emil tenta reprimir seu lado escuro num processo que se estenderá até o encontro com Beatrice. É importante considerar que o reconhecimento da persona e da sombra são marcos da primeira fase alquímica do processo de individuação, a Nigredo. Esta é a etapa em que admitimos para nós mesmos as nossas profundezas, e, devido à dificuldade dessa aceitação, muitas vezes somos tentados a reprimi-la.

De acordo com a psicologia analítica, a repressão é a negação das energias instintivas que brotam do inconsciente. Uma vez que tais energias não foram adequadas aos espaços conscientes da mente, tal disparate resulta num inconsciente sobrecarregado. Dessa forma, como método de aliviar um espaço mental congestionado, o inconsciente transmite o material recalçado para o ego, que se perturba ao mesclar seu conteúdo consciente com materiais ainda reprimidos. Dessa maneira, o indivíduo se induz a agir de maneira impulsiva e eventualmente irracional.

Emil Sinclair inicia seu processo de repressão ao conscientizar-se de sua sombra. Após a conscientização advinda da discussão sobre Caim, tal processo agrava-se com a nova abordagem acerca do bom ladrão, personagem presente no Evangelho de São Mateus. Após uma aula de temas bíblicos, Demian propõe outra interpretação desse personagem, tal como fez com Caim. Para Demian, o bom ladrão é erroneamente bem visto. Segundo ele, um personagem que se mostra arrependido ao fim da vida é a representação da covardia e da falta de caráter. Mais imponente, segundo Demian, seria salvar o outro ladrão, que até o fim se manteve convicto daquilo que havia feito.

A relutância de Sinclair para aceitar tal argumento não se deve à falta de instrução intelectual, mas sim por se tratar do desmantelamento doloroso de uma convicção seguramente estabilizada, que agora, não mais criança, mas jovem em fase de amadurecimento, se desfazia de uma só vez. Nisso reside o primeiro impulso para a repressão.

Ouvi-o assombrado. Estava convicto de haver penetrado profundamente na história da Crucificação, e via agora com que apoucada imaginação e com que falta de fantasia a escutara e lera. Mas, ao mesmo tempo, as novas interpretações de Demian ameaçavam derrubar em mim conceitos que não me era fácil de abandonar. Não, não se podia brincar assim com tudo, principalmente com as coisas mais sagradas. (HESSE, 2017, p. 73).

Neste momento, a discussão aprofunda-se e ambos os personagens discutem a dualidade de Deus e a inconsistência de um deus cristão que não compreende em si a realidade escura e misteriosa, mas tão somente a parcela luminosa, que, por fim, não representa a totalidade ambivalente do cosmos. Assim, Sinclair compreende-se não mais como o carregador de um ônus cujo fardo era só dele, mas como parte integrante de uma parcela de homens que ao longo da história se ocuparam dessa questão.

Porém suas palavras haviam atingido em mim o enigma que durante os meus anos de juventude me acompanhara por todas as horas e sobre o qual nunca dissera a ninguém qualquer palavra. O que Demian sabia sobre Deus e o Diabo, sobre o mundo oficialmente divino e o mundo demoníaco, era exatamente meu próprio pensamento, meu próprio mito, minha concepção dos dois mundos: o luminoso e o sombrio. A descoberta de que o meu problema era um problema de todos os homens, um problema de toda a vida e de todo o pensamento, pairou sobre mim de súbito como uma sombra divina, e me senti penetrado de temeroso respeito ao perceber o quão profundamente minha própria vida e meu pensamento participavam da corrente eterna das grandes ideias. (HESSE, 2017, p. 74).

Contudo, o esclarecimento da questão não representa para o protagonista um arrebatamento contemplativo. Ao contrário, suas convicções caem por terra e sua sustentação moral se revela falsa e insegura. Apesar disso, ainda ressoam nele ecos de uma infância educada aos moldes do chamado mundo luminoso, *e nisso reside o principal fator da repressão*, pois sua consciência, ao mesmo tempo em que aceita a dualidade inerente ao mundo, recusa-se, devido a sua educação até então, a se predispor a essa mesma dualidade que ele julga má e abjeta.

Essa descoberta, feliz e satisfatória quanto ao confirmar as minhas concepções, não foi, contudo, um fato alegre. Era uma descoberta dura e tinha áspero sabor, pois trazia consigo um princípio de responsabilidade, um adeus definitivo à infância e um anúncio de solidão e isolamento. (HESSE, 2017, p.74).

Ademais, outro fator preponderante para que Sinclair tentasse reprimir seus instintos é a sua conscientização de que a realidade ambivalente se constitui como característica inata a todas as formas, e, portanto, ele, como indivíduo integrante do mundo, também participa deste quadro simultaneamente composto pelo que é luminoso e escuro, o qual até então era seu impulso negar. Nisso, mais uma vez, manifesta-se a proximidade do processo de desenvolvimento do protagonista com um processo psicológico: neste episódio, percebemos as tentativas do protagonista de reprimir as forças antagônicas do inconsciente como caminho para a autopreservação (preservar a persona).

4. Beatrice: um arquétipo junguiano

Emil Sinclair, até onde vimos, manteve muito de sua energia psíquica direcionada a um lado: o mundo claro. Ao entrar na juventude, já consciente de sua tendência ao mundo escuro, toda a sua energia, antes direcionada ao mundo claro, é direcionada ao mundo escuro. Segundo C.G. Jung, o princípio que equilibra as energias psíquicas é a entropia. Contudo, nesta parte de narrativa, o princípio da entropia não se mostra atuante, pois, uma vez que toda a energia do mundo claro é redirecionada ao mundo escuro, o movimento energético da psique de Emil ainda age sob o mesmo desequilíbrio, apenas redirecionado para outro lado.

No capítulo de Beatrice, Sinclair encontra-se tomado pelo instinto primitivo. Embora isso possa ser considerado um aspecto positivo na desconstrução de sua persona, bem como forte reconhecimento de sua sombra, ainda assim constitui um desequilíbrio psíquico, pois representa um descontrole de seus opostos. Neste episódio, vemos um Sinclair livre das amarras familiares, solitário em um novo colégio interno, e imerso, por vontade própria, em hábitos antes por ele desprezados. Em meio a farras e bebedeiras, Emil desopilava sua frustração infantil.

Sinclair deleitava-se em uma vida desregrada, pois aquilo representava de forma simbólica o desenlace de um formalismo incompatível com sua personalidade, e ao mesmo tempo significava o ingresso efetivo nas profundezas de seu ser.

Apesar de tudo, era quase um prazer experimentar aqueles tormentos. Há tanto tempo que andava me arrastando cego e insensível pela vida, e fazia tanto que meu coração se calara, confinado a um ângulo sombrio, que até aquelas reprovações e aquele horror que contraíam minha alma me eram bem-vindos. Era, por fim, um sentimento que ardia em chamas e no qual meu coração pulsava. Desconcertado, sentia em meio àquela atroz miséria algo como uma libertação e uma nova primavera. (HESSE, 2017, p.87).

Apesar do sofrimento, Sinclair, ao narrar sua própria história, confirma nessa passagem a intuição que lhe dizia ser aquele período um prelúdio ao verdadeiro encontro consigo mesmo, pois, em meio “àquela atroz miséria”, ele sentia brotar a sensação de “algo como uma libertação e uma primavera”. Para além disso, o próprio conflito e a eventual nostalgia da estabilidade da vida infantil anunciam seu desejo de equilíbrio mental:

Assim, enquanto eu divertia meus amigos com meu incrível cinismo, entre risos bêbados, diante das mesas sujas dos cafés de baixa categoria, conservava em meu coração um respeito oculto por tudo aquilo de que escarnecia com meus ditos, e em meu interior chorava

de joelhos diante de minha alma, diante do passado, diante de minha mãe e diante de Deus. (HESSE, 2017, p.88).

O próprio Sinclair afirma que todos os eventos até este período representaram um caminho à solidão, pelo qual, segundo ele, Deus o levava a si mesmo (HESSE, p. 90). Em suas próprias palavras, “foi o começo, um despertar da nostalgia de mim mesmo” (HESSE, 2017, p. 90). Nesse contexto surge Beatrice, a personagem entendida por nós como divisora de águas do romance.

Sinclair, em sua fase de instabilidade psíquica, reconhece de forma mais ou menos definida a necessidade de equilíbrio, tal como mostramos anteriormente. Entendemos que Beatrice é a fonte desse equilíbrio. Para justificar essa interpretação faz-se necessária uma breve reconstituição do contexto em que a personagem aparece.

Demian tem oito capítulos. Adicionado o prólogo, a estrutura geral do romance compreende nove partes. Ao analisar essa estrutura, percebe-se que Beatrice aparece no capítulo quatro, mas ocupa a quinta parte de um romance de nove partes. Desse modo, Beatrice ocupa o centro da obra. Vejamos: do prólogo ao terceiro capítulo, quatro partes; quarto capítulo de Beatrice, centro, quinta parte; do quinto capítulo ao oitavo capítulo, novamente, quatro partes. Entendemos essa centralidade como uma das evidências estruturais de que Beatrice é o clímax do romance. Todavia, os capítulos que se seguem não desempenham papel conclusivo; ao contrário, persistem no centro temático da obra, definido no capítulo em questão: o processo de individuação.

Se Beatrice é o motivo da volta do equilíbrio psíquico de Sinclair, fica evidente que ela é a propulsora da entropia. Além disso, ela encarna também o princípio da enantiodromia.

Todo o conflito do protagonista teve como mote substancial a dualidade do mundo claro e escuro. Desse modo, já se consegue afirmar que se trata do conflito dos opostos. No momento em que Beatrice aparece, Sinclair havia imergido nas profundezas de sua sombra, sem que lhe fosse possível discernimento e equilíbrio. Nesse contexto, ele encontra Beatrice, que, de forma misteriosa, o inspira artística e intelectualmente, de modo que toda sua conduta é transformada. Aqui se manifesta o princípio da enantiodromia, pois Sinclair encontra equilíbrio em seu oposto, ou seja, no princípio feminino. Isso nos possibilita interpretar a personagem Beatrice como a alma do protagonista.

A alma é o aspecto feminino no masculino. Mais do que isso, seus arquétipos promovem a comunicação entre o inconsciente e o consciente (FRANZ, 2016, p.241). C.G. Jung, como estudioso da psicologia dos mitos, constatou que muitos dos mitos femininos são representantes do funcionamento do arquétipo anima. Segundo ele, é o reconhecimento que um homem tem de sua alma que o capacita a adentrar o verdadeiro manancial de sua mente.

No enredo de *Demian*, Sinclair encontra Beatrice de modo inesperado. Em meio a sua vida desregrada, num passeio no parque, eis que Sinclair vê pela primeira vez Beatrice.

Naquele mesmo parque em que havia encontrado Alfonso Beck no outono, agora, ao iniciar-se a primavera, quando os espinheiros silvestres começavam a reverdecer, cruzei com uma garota que me interessou profundamente. [...]. Naquela tarde de primavera encontrei no parque uma jovem que me atraiu desde o primeiro instante. Era alta e esbelta, vestia-se com elegância e tinha feições de menino, inteligentemente expressivas. (HESSE, 2017, p.92).

Nessa passagem, há aspectos simbólicos que devem ser ressaltados. Sinclair encontra Beatrice ao chegar da primavera, estação que anuncia a renovação das flores, em que os auspícios do verão são sentidos, em que a esperança começa a surgir como possibilidade iminente. A primavera aqui se caracteriza por ser o aviso da chegada de um mundo novo, o mundo do inconsciente, mas não um inconsciente sombrio, onde as profundezas dolorosamente irrompem sem nenhuma precaução. Ao contrário, Beatrice, ao ser descrita com “feições de menino”, simboliza o equilíbrio que capacita o aspirante à individuação a compreender que os opostos (claro x escuro) são elementos complementares. A primavera e as feições masculinas de Beatrice constituem símbolos que reiteram o processo de individuação do protagonista.

Sinclair, como narrador, não explica os motivos concretos pelos quais Beatrice o cativou de forma tão arrebatadora. Ele apenas confirma que o encontro lhe permitiu largar as algazarras e voltar a ser o “devoto ministro, aspirando a ser santo” (HESSE, 2017, p.94). Além do mais, Sinclair, que mal trocara uma palavra com Beatrice, deu-lhe o nome que tinha visto na reprodução de um quadro pré-rafaelita. Esses fatos consolidam ainda mais a importância da personagem, pois a partir deles é possível constatar que há, entre Beatrice e Sinclair, uma comunicação silenciosa. A ausência de comunicação verbal durante o encontro nos permite interpretar que Beatrice é a representação de aspectos inconscientes do protagonista, pois o silêncio pode ser visto como um símbolo das profundezas da psique. Além disso, podemos

entender que, do ponto de vista literário, a personagem foi o pretexto que possibilitou a transformação interna do protagonista.

Nesse contexto, Sinclair conclui que algo nele havia mudado. Segundo ele, Beatrice possibilitou a criação de um novo “mundo luminoso”, mas, apesar da sacralidade, este mundo não estava ordenado pela tutela familiar e tampouco contaminado pela “segurança irresponsável” (HESSE, 2017, p.94). Era, sobretudo, um mundo autônomo, cujo vigor e responsabilidade faziam dele o espaço de sua própria convicção.

O arquétipo anima, além de ser o intermediador do homem ao seu self, é também o arquétipo que caracteriza o modo com que o homem expressa seus “humores e sentimentos instáveis, as intuições proféticas, a receptividade ao irracional, a capacidade de amar, a sensibilidade à natureza” (FRANZ, 2016, p.234). Dessa sensibilidade, desses humores, brota a inclinação prática do homem às artes.

Mas qual a significação, em termos práticos, do papel da anima como guia para o mundo interior? Essa função positiva ocorre quando o homem leva a sério os sentimentos, os humores, as expectativas e as fantasias transmitidas por sua anima e quando ele os concretiza de alguma forma, por exemplo, na literatura, pintura, escultura, música ou dança (FRANZ, 2016, p. 247).

Emil, ao reconhecer a própria mudança, decide ocupar o tempo com uma atividade que julgava mais sublime, mais compatível com seu atual estado de espírito: a pintura. Disso, já podemos perceber a proximidade evidente dos efeitos de uma anima impulsionada por Beatrice. Contudo, a principal comprovação surge do desenho do protagonista. Sinclair, devido a sua paixão por Beatrice, decide fazer o retrato dela. Entretanto, ao pintá-la, percebe que havia pintado a si mesmo.

Numa tarde, no início do verão, o sol entrava oblíquo e rubro em meu quarto, através da janela do poente. Já ia ficando um pouco escuro. Ocorreu-me então segurar o retrato de Beatrice, ou de Demian, de encontro com o vidro, para ver como o resplendor crepuscular o atravessava. [...] E pouco a pouco foi se apoderando de mim a sensação de que não era Beatrice nem tampouco Demian que a gravura representava, e sim a mim mesmo! (HESSE, 2017, p.97).

Reiteradamente, afirmamos que os arquétipos são integrantes do inconsciente de todo indivíduo, portanto, são características que modelam a conduta de cada um. Logo, os arquétipos constituem-se como partes integrantes do ser. Sinclair, ao pintar Beatrice, reconhece-se nela. Mais do que isso, conclui que ela representava o que havia em si de mais

profundo. Sob essas evidências, entendemos que Beatrice é a personificação da anima do protagonista. Para isso, partimos dos princípios junguianos que constataam o arquétipo feminino como a energia propulsora que permite a comunicação do homem com seu inconsciente. Sinclair, ao retomar o equilíbrio e vincular-se novamente às artes e, sobretudo, ao “erigir o altar para Beatrice” (HESSE, 2017, p.94), não recai nos moldes de sua persona da vida infantil; ao contrário, concilia as profundezas até então negadas sob a régua de seu arquétipo feminino, que lhe permite absorver com simpatia as obscuridades anteriormente negadas. Quando compreende a frase de Novalis, “destino e espírito são nomes de um mesmo conceito” (HESSE, 2017, p.98), o protagonista toma conhecimento de que seu processo, seu destino, tinha como objetivo seu espírito, sua alma, seu self. Por isso, o encontro com Beatrice representa essa união que o levou até ele mesmo. Ademais, o próprio Emil confirma essa unicidade ao dizer sobre Beatrice: “estás ligada a mim, mas não tu mesma e sim apenas tua imagem; és uma parte de meu destino” (HESSE, 2017, p.98). Observemos que as palavras “imagem” e “arquétipo” são correspondentes e, da perspectiva psicológica, podem significar a mesma coisa. Nesta frase, Emil menciona também o efeito imaterial de Beatrice, uma vez que ambos estão ligados por “imagens”, ou seja, por arquétipos que confluem para que eles se tornem um só. A partir daí, Sinclair reconhece que os pares de opostos (ele e Beatrice), a ambivalência da realidade (o mundo claro e o escuro), são complementares, basta que possamos reconhecer que “dentro de nós há alguém que tudo sabe” (HESSE, 2017, p.101), ou seja, o nosso self, o manancial infinito das possibilidades da mente, que compreende todos os arquétipos e todos os opostos.

5. Conclusão

Ao concluirmos o estudo proposto neste artigo, conseguimos perceber as visíveis correlações entre *Demian* e a psicologia analítica. Sobretudo, o artigo propôs o rompimento com a ideia latente de que Max Demian ocupa função central na obra, sendo substituído por Beatrice. É evidente que não desconsideramos a importância desse personagem, uma vez que, além de outros indícios, é ele quem dá título ao romance. Contudo, para nós, Demian foi a motivação de Emil, a representação de seu impulso, para que Emil, em sua solidão, alcançasse a íntima profundidade de seu ser ao encontrar Beatrice. Além disso, é com ela que Sinclair soluciona as frustrações da infância. A atmosfera do capítulo de Beatrice é apenas aprofundada

nos episódios seguintes. Após o encontro, não há essencialmente revelações que já não tivessem sido absorvidas por Emil. No entanto, seu impulso à individuação, representado por Demian, ainda permanece. Justamente por isso, este se mantém como personagem constante da obra. Demian representa para Sinclair o estímulo à individuação, enquanto Beatrice, como anima, é a própria manifestação da individuação.

Referências

FRANZ, Marie von. O processo de individuação. In: JUNG, C. G. et al. (Orgs.). **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2016. p. 207-307.

HESSE, Hermann. **Demian**: história da juventude de Emil Sinclair. 49. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2017. 193 p.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. 408 p.

_____. **Mysterium Coniunctionis**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. 326 p. v. XIV/1.

_____. **Tipos psicológicos**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. 558 p. v. VI.

_____. **AION**: estudos sobre o simbolismo do si-mesmo. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988. 317 p. v. IX/2.

Artigo recebido em: 29.03.2019

Artigo aceito para publicar em: 31.05.2019